



Revista Internacional de
Folkcomunicação
E-ISSN: 1807-4960
revistafolkcom@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Brasil

Albuquerque Maia, Andréa Karinne
Aproximações entre a cultura underground e os grupos culturalmente marginalizados da
Folkcomunicação
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 12, núm. 26, septiembre, 2014, pp. 35-46
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631768759004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Aproximações entre a cultura *underground* e os grupos culturalmente marginalizados da Folkcomunicação¹

Andréa Karinne Albuquerque Maia²

RESUMO

Luiz Beltrão (1980)³ definiu três grupos na teoria da Folkcomunicação: os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais. Este artigo lança um olhar sobre a cultura *underground*, pois a mesma adota estratégias de resistência e contestação ao *status quo*, assim como, os grupos culturalmente marginalizados. Aborda-se o histórico da cultura *underground* visando compreender suas características. A pesquisa bibliográfica é adotada como metodologia. Os participantes da cultura *underground* são considerados culturalmente marginalizados, pois combatem o sistema social vigente, através de instrumentos de comunicação próprios que reforçam o seu caráter marginal.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação – Contracultura - Cultura *underground*.

Connections between the underground culture and the culturally marginalized groups in the Folkcommunication

ABSTRACT

In the Folkcommunication theory, Luiz Beltrão (1980) defined three groups: the culturally marginalized, the urban or the rural. This paper looks at the underground culture because it adopts resistance and challenge strategies against the *status quo*, as well as the culturally marginalized groups. Bibliographical research is the methodological source for approaching the underground culture historical aspects. The underground culture participants are considered socially marginalized, since they fight against the current social system by using their own communication instruments, which reinforce their marginal character.

KEYWORDS

Folkcommunication – Counterculture - Underground culture.

¹ Artigo premiado em 3º lugar na categoria “Artigo Científico – Pós-Graduação” da XVI Conferência Brasileira de Folkcomunicação, apresentado no GT 1 (Teoria da Folkcomunicação – Fundamentos e Metodologia) da referida conferência.

² Professora Substituta da Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas, Jornalista e Relações Públicas, pela referida instituição. Possui MBA em Gestão Estratégica de Pessoas na Administração Pública, pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisadora da Rede Folkcom e do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ-UFPB). E-mail: andreakarinne@gmail.com

³ BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez. 1980.

Introdução

O presente artigo busca contribuir por meio da proximidade teórica existente entre os grupos culturalmente marginalizados e a cultura *underground*. Com essa finalidade, recorre-se inicialmente a algumas concepções sobre cultura, como caminho para ampliar a compreensão a respeito desse fenômeno complexo e intrínseco a toda a realidade social.

Para revelar a origem, as características e os princípios fundamentais da cultura *underground*, percorre-se os trajetos históricos protagonizados pela contracultura a partir da década de 1950. Pois, esse fenômeno representa a essência da contestação e combate às normas sociais estabelecidas, através da adoção de diversas formas de expressão ao longo da história.

Partindo dos pressupostos da teoria da Folkcomunicação criada por Luiz Beltrão (1980), faz-se necessário abordar as características que identificam e classificam os três grupos marginalizados que compõem a audiência folk, a saber: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados.

Por fim, procede-se uma análise comparativa entre os grupos culturalmente marginalizados e a cultura *underground*, buscando identificar pontos em comum nas duas expressões. Tendo em vista o fato de que ambas são formadas por indivíduos que estão à margem do poder estabelecido, não aceitam a realidade imposta e buscam uma mudança por meio da criação de sistemas de comunicação próprios.

1. Conceito de Cultura

Cultura é um termo amplo e complexo para designar algo que está em constante movimento, que carrega particularidades que envolvem conhecimentos, experiências e crenças. O conceito de cultura se localiza entre as ações humanas e a incapacidade de descrevê-las de forma clara e precisa.

Portanto, a cultura deve ser pensada no plural, pois não existe “a cultura” e sim “culturas”. Nenhuma cultura pode ser comparada a outra, tendo em vista que não há critérios capazes de confrontar o valor das culturas entre si. Além disso, os movimentos que se instalam dentro de cada cultura são construídos a partir das experiências dos indivíduos que passam a enxergar o mundo através da sua cultura.

De qualquer forma, na tentativa de definir o termo cultura, vários teóricos se debruçaram sobre o assunto, dando origem a dois grandes grupos entre as dezenas de conceitos

criados: o antropológico e o sociológico. Aspecto que pode, de forma parcial, rastrear os passos trilhados na busca pela construção de uma concepção de cultura.

Assim, do ponto de vista antropológico, o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, e não de questões biológicas ou do ambiente em que vivem. E a cultura é um fator determinante na diferenciação entre os comportamentos individuais, ou seja, o homem é resultado do meio no qual foi socializado.

No âmbito sociológico, a cultura é um fenômeno amplo que está presente em toda a vida social. Podendo se apresentar de forma material, através de artefatos e objetos em geral. E de forma não material que consiste no campo das ideias, através de questões como a arte, a ética, as crenças, os conhecimentos, as técnicas, os valores, entre outras.

Raymond Williams (2008) defende que de forma ampla, a cultura se refere ao modo de vida de uma comunidade, em âmbito global e totalizante. Sendo a cultura um caminho para resolver os problemas cotidianos. E no sentido restrito, designa o processo de cultivo da mente, que pode envolver um estado mental ou espiritual.

Cultura é uma palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades agrícolas. Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar. Pensadores romanos antigos ampliaram esse significado e a usaram para se referir ao refinamento pessoal, e isso está presente na expressão cultura da alma. (SANTOS, 1996, p.27)

Por essa razão, uma das expressões mais visíveis da cultura são as formas estéticas presentes na arte. Além disso, a soma dos elementos culturais que determinam as normas e valores sociais alimentam o imaginário de uma sociedade. Para Santos (1996, p. 36) “a cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, [...] fundamental das sociedades contemporâneas”.

2. Contracultura: a gênese da cultura *underground*

O movimento *underground* surgiu no final da década de 1960 nos Estados Unidos, juntamente com as ondas contestatórias da contracultura. *Underground* é um termo inglês que significa “subterrâneo”, refere-se aos produtos e manifestações culturais que fogem dos padrões comerciais.

As raízes da cultura *underground* são muito mais antigas do que se imagina, ao considerarmos que sua origem está atrelada à contracultura. Goffman e Joy (2007) apontam a existência de símbolos da contracultura nos mitos de Prometeu e Abraão, os dois foram os

fundadores respectivamente, das tradições clássica e judaico-cristã, as duas correntes que deram origem a moderna civilização ocidental.

Nesse sentido, as principais características contraculturais observadas em Prometeu referem-se a sua disposição para a rebeldia, o humanismo revolucionário e a inovação. E o Abraão histórico era considerado iconoclasta, individualista e autoexilado, aspectos que são inerentes à contracultura. (GOFFMAN; JOY, 2007)

Apesar de discutir o Abraão histórico, Goffman e Joy (2007) apontam características da contracultura nesses dois personagens, a partir da concepção do mito, “cumprindo sua função como dois diferentes arquétipos rebeldes cujos estilos e provocações ainda podem ser identificados hoje nas contraculturas” (GOFFMAN; JOY, 2007, p.24).

Na modernidade, pode-se contextualizar historicamente o surgimento da contracultura, por meio das obras artísticas no cotidiano. Segundo Pereira (1988, p.6) “Esse espírito libertário e questionador da racionalidade ocidental, que viria a marcar tão fortemente isto que ficou conhecido como a contracultura, já se anunciava nos Estados Unidos, desde os anos 50, com uma geração de poetas — *a beat generation*”.

Em meados da década de 1960, com o objetivo de romper com o *status quo* estabelecido, a contracultura se consolidou como um movimento catalisador que influenciou importantes setores da população dos Estados Unidos e da Europa, imprimindo uma cultura *underground*.

No bojo das transformações que tomavam de assalto a sociedade estadunidense na década de 1960, os autores de quadrinhos reagiram ao conservadorismo e à censura recuperando sua identidade e postura crítica. A explosão da contracultura e do movimento *hippie*, que questionavam à política imperialista do país protagonizada pela Guerra do Vietnã. Essa onda de contestação generalizada ficou conhecida como movimento *underground*, que pretendia transformar todo o sistema vigente. (MAGALHÃES, 2009, p. 3)

Na mesma década, a explosão política-cultural ganhou força na música dos Beatles e de Bob Dylan que atraíam as multidões. O período é marcado pelos grandes festivais de rock, entre eles, destaca-se: Monterey (1967), que teve a estreia de Janis Joplin e Jimmy Hendrix; o de Woodstock (1969) e o da Ilha Wight, que contou com a participação dos tropicalistas Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia. Além da presença dos jornalistas José Vicente e Antônio Bivar que cobriram o festival para um jornal *underground* brasileiro. (PEREIRA, 1988)

Essa efervescência musical foi seguida pelas passeatas em prol da paz promovidas pelo movimento *hippie*. Outro marco nessa época foi atuação dos movimentos estudantis nos campi universitários na França, conhecido como *Maio de 68*. (PEREIRA, 1988)

Diante do exposto, é importante compreender a contracultura enquanto um fenômeno histórico gerador conceitual da cultura *underground*. No entanto, a conjuntura social no momento do surgimento dessa cultura modificou-se ao longo dos anos, fazendo com que a mesma absorvesse novas expressões, sem abrir mão de sua essência contracultural.

Por isso, muitas das características da contracultura como um todo, estão presentes tanto na cultura *underground*, como nos grupos culturalmente marginalizados da folkcomunicação.

Nossa definição é a de que a essência da contracultura como fenômeno histórico e perene é caracterizado pela afirmação do poder individual de criar sua própria vida, mais do que aceitar os ditames das autoridades sociais e convenções circundantes, sejam elas dominantes ou subculturais. Afirmamos ainda que a liberdade de comunicação é uma característica fundamental da contracultura, já que o contato afirmativo é a chave para liberar o poder criativo de cada indivíduo. (GOFFMAN; JOY, 2007, p.29)

Com vistas em ampliar o conhecimento sobre a concepção da contracultura, Pereira (1988) lançou mão de algumas notas publicadas na década de 1980 por Luís Carlos Maciel, participante ativo do movimento e colaborador do *Pasquim* nos anos de 1970, bem como de outros jornais *underground*.

O termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do Ocidente. (MACIEL, 1980 apud SANTOS, 1988, p. 8-9)

Goffman e Joy (2007, p.50) definiram três princípios básicos da contracultura, que a torna diferente da sociedade hegemônica, são eles:

- As contraculturas afirmam a precedência da individualidade acima de convenções sociais e restrições governamentais;

- As contraculturas desafiam o autoritarismo de forma óbvia, mas também sutilmente;
- As contraculturas defendem mudanças individuais e sociais.

É importante salientar que os princípios descritos não constituem uma realidade estanque, pois se trata de uma visão generalizada incapaz de contemplar a diversidade dos movimentos contraculturais. Portanto, há características que estão presentes em maior ou menor grau no interior dos grupos.

3. Cultura *Underground*

Do ponto de vista mercadológico, a cultura *underground* não busca seguir os parâmetros estabelecidos pela indústria cultural. Assim, no que tange ao valor conferido aos produtos artísticos e culturais, a definição de *underground* está diretamente ligada a sua oposição semântica, o *mainstream*.

O *mainstream* (que pode ser traduzido como “fluxo principal”) abriga escolhas de confecção do produto reconhecidamente eficientes, dialogando com elementos de obras consagradas e com sucesso relativamente garantido. O *underground*, por outro lado, segue um conjunto de princípios de confecção de produto que requer um repertório mais delimitado para o consumo. Os produtos “subterrâneos” possuem uma organização de produção e circulação particulares e segmentadas, firmam, quase invariavelmente, a partir da negação do seu “outro” (o *mainstream*) (JANOTTI JÚNIOR; CARDOSO FILHO, 2006, p.8).

Os artistas *underground* buscam se diferenciar das características do *mainstream*, como forma de legitimação de suas práticas culturais. Considerando que sua arte está preocupada com a autenticidade e não em atender às necessidades do mercado. A divulgação desses produtos culturais está associada a fanzines, gravadoras independentes, Internet e outras mídias alternativas, fortalecendo o consumo segmentado. Na maioria das vezes, os participantes desse modelo de contracultura, não encontram e nem buscam espaço na mídia tradicional.

Na indústria cultural, o lucro orienta a produção, e o espaço da criação individual é eliminado em virtude da lógica da produção coletiva. [...] A imaginação e o ato criador são adaptados às exigências da produção. Fórmulas e modelos substituem a espontaneidade e os padrões tomam lugar da inovação. Há pouco espaço para a novidade na indústria cultural: qualquer coisa que coloque em risco o lucro é uma ameaça. O espaço para o experimentalismo é mínimo: não agradar ao público contraria a lógica da produção. (MARTINO, 2009, p.49)

A cultura *underground* é formada por grupos sociais que apresentam características semelhantes, eles são influenciados pelos produtos artísticos culturais que produzem e consomem. Nesse sentido, o termo “tribalismo” proposto por Michel Maffesoli é pertinente para a compreensão da necessidade do “estar-junto”, representado “no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais” (MAFFESOLI, 1998, p. 28)

Mesmo não fazendo parte da indústria cultural, os produtos culturais *underground*, também chamados de alternativos ou independentes podem receber alguma atenção da mídia. Em virtude da ação organizada de grupos produtores e consumidores, que encontram no domínio da tecnologia, e nas mídias alternativas uma saída para divulgar e manter viva esse tipo de manifestação cultural.

4. A Folkcomunicação e os marginalizados

O jornalista Luiz Beltrão criou a teoria da Folkcomunicação, que aborda a comunicação produzida pelo povo, caracterizada pela adoção de meios artesanais.

A Folkcomunicação é por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa. (BELTRÃO, 1980, p.28)

A audiência da folkcomunicação está identificada e classificada em três grupos, formados por indivíduos considerados excluídos do sistema político e de comunicação, estes por sua vez, são responsáveis pela manutenção do *status quo* definido pela ideologia e ação planejada dos grupos dirigentes. (BELTRÃO, 1980)

Os grupos rurais marginalizados se encontram isolados geograficamente, com recursos econômicos escassos e baixo nível intelectual; os grupos urbanos marginalizados são formados por indivíduos que estão nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso; e os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou a estrutura social vigente. (BELTRÃO, 1980)

Nesse sentido, os grupos culturalmente marginalizados representam o interesse da nossa investigação, em virtude da cultura *underground* possuir características que pertencem a esse grupo. Sobretudo, por ser uma expressão de contestação à moral e à estrutura social estabelecida.

Beltrão (1980, p. 103) define os grupos culturalmente marginalizados como sendo: “indivíduos marginalizados por contestação à cultura e a organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a ideias e práticas generalizadas da comunidade”.

O autor (1980) acrescenta ainda que, esses grupos são separados dos demais, seja de maneira voluntária ou não. Apesar disso, buscam conquistar adeptos às suas causas, adotando de forma diligente métodos e meios acessíveis para atingir o público, para o qual são dirigidas as suas mensagens, sejam convencionais ou de folk.

Quando os grupos culturalmente marginalizados alcançam melhores condições, seja por meio do número de adeptos, organização ou flexibilidade das restrições legais. Eles camuflam suas mensagens de maneira criativa, adotando linguagens sofisticadas e códigos específicos, ou dando-lhe duplo sentido. Assim, empregam canais e centros de difusão que escapam à vigilância normalmente exercida pelas autoridades que são contrárias a sua ideologia. (BELTRÃO, 1980)

Os grupos culturalmente marginalizados estão classificados em messiânico, político-ativista e o erótico-pornográfico. O que há em comum entre os três é o fato de terem como princípio “a aspiração coletiva a uma vida livre de sofrimentos, angústias, injustiças e opressões e/ou pleno gozo das riquezas e prazeres que a civilização proporciona a uma minoria privilegiada” (BELTRÃO, 1980, p.104).

Beltrão (1980) defende que nos grupos messiânico e político-ativista a existência de uma liderança carismática é um fator decisivo, sendo este indivíduo detentor da verdade e de poderes superiores para a condução das massas aos objetivos reformistas pretendidos.

5. Aproximações entre o *underground* e os grupos culturalmente marginalizados

Com objetivo de determinar as aproximações teóricas entre os grupos culturalmente marginalizados e a cultura *underground*, torna-se imprescindível entender o valor semântico da expressão marginal, presente na essência dos dois fenômenos em análise.

Por viverem à margem da sociedade, os adeptos da cultura *underground*, bem como, parte dos grupos culturalmente marginalizados, são vistos como marginais ou marginalizados,

sobretudo, por estarem unidos contra os padrões socialmente estabelecidos, o que torna necessário resgatar o surgimento do termo.

A expressão *marginal* surge, na literatura científica, pela primeira vez em 1928, em artigo de Robert Park sobre as migrações humanas, publicado no *American Journal of Sociology*. O migrante é ali definido como um “híbrido cultural”, um “marginal”, que, embora compartilhe da vida e das tradições culturais de dois povos distintos, “jamais se decide a romper, mesmo que lhe fosse permitido, com seu passado e suas tradições, e nunca (é) aceito completamente, por causa do preconceito racial, na nova sociedade em que procura encontrar um lugar” (BELTRÃO, 1980, p.38-39)

O autor (1980) acrescenta que o termo marginal adotado no contexto citado, apresenta duas características: “oposição à mudança e preconceito” que também se aplicam aos grupos culturalmente marginalizados, por se tratar do indivíduo que está à margem de duas culturas e de duas sociedades que não se inter-relacionam e nem se fundem totalmente.

Posteriormente, o termo ganhou significado pejorativo, sendo o marginal considerado elemento perigoso, ligado ao mundo do crime, o fora-da-lei, vagabundo, violento, homem ou mulher que viva da bebida, dos tóxicos, da prostituição e dos atentados à propriedade. Extensivamente, foi aplicado “aos pobres, em geral desempregados, migrantes, membros de outras subculturas, minorias raciais e étnicas e transviados de qualquer espécie” (PERLMANN apud BELTRÃO, 1980, p.39)

A Revolução Industrial, matriz conceitual da sociedade de massa, ampliou o fenômeno da marginalidade. No que tange à distância entre as camadas superiores, formada pela elite do poder econômico e político, que ditam os níveis de civilização e de desenvolvimento sociocultural. Em contraste, com os indivíduos e grupos que foram negadas as condições de atingir esse desenvolvimento, seja por conta da pobreza, das culturas tradicionais, do baixo nível intelectual, ou simplesmente pela contestação em relação à filosofia e estrutura social dominante. (BELTRÃO, 1980)

A questão da marginalização é um ponto comum entre os grupos culturalmente marginalizados e a cultura *underground* “A contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece a instintos desclassificados nos quadros acadêmicos” (MACIEL apud PEREIRA, 1988, p.69)

No que tange ao comportamento, a expressão marginal se assemelha ao *modus operante* de muitos agrupamentos que fazem parte da cultura *underground*. Sobretudo, ao considerar os movimentos contraculturais, como por exemplo, *hippie* e *beat generation* nos quais o uso de drogas é algo corriqueiro e espontâneo, utilizadas especialmente para estimular o processo criativo e as experiências transcendentais.

Apesar da diversidade dos grupos que compõem a cultura *underground*, Goffman e Joy (2007) definiram cinco características quase universais da contracultura. Tais características servem de parâmetro na identificação da essência desse tipo de cultura.

1. Rupturas e inovações radicais em arte, ciência, espiritualidade, filosofia e estilo de vida;
2. Diversidade;
3. Comunicação verdadeira e aberta e profundo contato interpessoal, bem como, generosidade e partilha democrática dos instrumentos;
4. Perseguição pela cultura hegemônica de subculturas contemporâneas;
5. Exílio ou fuga. (GOFFMAN; JOY, 2007, p.54)

Os adeptos da cultura *underground* se enquadram nos três subgêneros dos grupos culturalmente marginalizados da folkcomunicação, em virtude da diversidade e amplitude, sobretudo por abranger inúmeras expressões da contracultura.

O subgênero messiânico é coerente com a primeira característica da contracultura, dada a “ruptura” e as “inovações radicais” apresentadas nos contextos filosóficos, estilo de vida e especialmente, no que tange a espiritualidade. Por seguir um “líder carismático, com ideias religiosas que representam contrafações, adulterações, exacerbações, interpretações personalíssimas de dogmas e tradições consagradas pelas crenças e denominações religiosas estabelecidas” (BELTRÃO, 1980, p. 103).

De uma forma geral, o subgênero político-ativista também se aplica a cultura *underground*, pois seus adeptos são “indivíduos decididos a manter estruturas de dominação e opressão vigentes ou revolucionar a ordem política e social em que se fundamentam as relações entre os cidadãos” (BELTRÃO, 1980, p. 104).

No entanto, o fato do político-ativista adotar a força para impor suas ideias, pode ser encontrado em apenas algumas expressões da contracultura. Além disso, a descrição desse subgênero é semelhante ao *underground* de uma forma geral, sobretudo, ao considerar a perseguição da cultura hegemônica, e em alguns casos, a fuga ou o exílio.

Para a cultura *underground*, a liberdade sexual e o combate à moral e os costumes estabelecidos tem forte presença nos inúmeros grupos que a representa, como o movimento

*hippie e o glam*⁴. Assim, o subgênero erótico pornográfico atende aos requisitos do *underground*, já que é formado por indivíduos que “não aceitam a moral e os costumes que a comunidade adota como sadios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e práticas hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor” (BELTRÃO, 1980, p. 104).

Entre todas as semelhanças descritas, a que mais une a cultura *underground* aos grupos culturalmente marginalizados, diz respeito à questão da comunicação. Pois, para os movimentos contraculturais a comunicação é “verdadeira e aberta” com um “profundo contato interpessoal, bem como, generosidade e partilha democrática dos instrumentos” (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 54).

O movimento *underground* domina ferramentas comunicacionais para divulgar sua ideologia através de seus produtos culturais, que são veiculados por meio de fanzines, gravadoras e editoras independentes. Além disso, graças à popularização dos recursos tecnológicos, como os programas de editoração eletrônica e a internet, os blogs, sites e mídias sociais contribuíram para a amplificação do movimento.

Assim como, os grupos culturalmente marginalizados possuem uma grande capacidade de desenvolver ações comunicacionais, que reforçam sua ideologia através do processo folkcomunicacional.

Considerações finais

Enfim, os participantes da cultura *underground* podem ser classificados como um grupo culturalmente marginalizado. Tanto pelo fato de possuir inúmeras características em comum, bem como, por utilizar a comunicação como ferramenta para contestar e transformar o sistema social estabelecido.

Além disso, ambos possuem um caráter marginal por não se encaixarem nos padrões sociais dominantes, ou por serem negados as condições mínimas de desenvolvimento social e cultural. Eles reforçam sua identidade e conquistam adeptos por meio da adoção de meios de comunicação artesanais.

⁴ *Glam rock* (abreviação de Glamour Rock) gênero musical criado na Inglaterra, nascido no final dos anos 60 e popularizado no início dos anos 70, foi a primeira reação contracultural ao movimento hippie, promoveu a cultura gay, marcado pela estetização e sexualidade exacerbada. Disponível em:<<http://migre.me/eZTCC>>. Acesso em 10 jun. 2013.

Enquanto os grupos culturalmente marginalizados são excluídos dos meios de comunicação tradicionais, membros da cultura *underground* fazem questão de não pertencer ao fluxo principal, pois, acreditam que há uma perda de credibilidade, e consequentemente legitimação dos seguidores.

Referências

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a cultura dos marginalizados**. São Paulo: Cortez. 1980.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos – Do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder Silveira; CARDOSO FILHO, Jorge. **A música popular massiva, o *mainstream* e o *underground*: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática**. In: INTERCOM – XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: < <http://migre.me/eZIWw> >. Acesso em 06/06/2013.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1998.

MAGALHÃES, Henrique. **Indigestos e sedutores: o submundo dos quadrinhos marginais**. In: Culturas Midiáticas - Revista do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UFPB. Vol. II, n. 1 – jan./jun./2009. Disponível em: <<http://migre.me/eZISI>>. Acesso em 10/06/2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: Ideias, Conceitos e Métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura?** 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.